



UnB

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física

A relação entre a motivação masculina e feminina nas aulas de Educação Física, cultura de violência e cooperação.

André Victor Gulyas Marra

A relação entre a motivação masculina e feminina nas aulas de Educação Física, cultura de violência e cooperação.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Cláudia Maria Goulart dos Santos

Brasília

2022

André Victor Gulyas Marra

A relação entre a motivação masculina e feminina nas aulas de Educação Física, cultura de violência e cooperação

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Cláudia Maria Goulart dos Santos

Aprovada em: ___/___/___

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Cláudia Maria Goulart dos Santos
Universidade de Brasília

Prof. Dr Renato Bastos João
Universidade de Brasília

Brasília

2022

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe, que abriu meus olhos para a graduação na UnB, ao meu pai, Clóvis, que me introduziu na psicologia quando ainda era uma criança e muito me motivou sobre vivência da Universidade, a todos os meus familiares e amigos e a minha orientadora, Claudia Maria, a quem muito pude contar e conversar.

RESUMO

A pesquisa tem o objetivo de evidenciar as diferenças de orientação as metas de meninos e meninas nas aulas de Educação Física, buscando compreender por que a violência está tão presente no comportamento masculino e como criar um cenário de razoável ausência da violência nas aulas de Educação Física. A metodologia deste estudo tratou-se de uma pesquisa exploratória, através de uma revisão bibliográfica, apresenta-se diversos estudos sobre gênero, psicologia, violência e abordagem cooperativa na Educação Física. Conclui-se que os meninos têm uma maior orientação as metas de realização para o ego e as meninas para a tarefa no contexto da Educação Física escolar, e no geral ambos se orientam para a tarefa, há uma íntima relação entre o gênero masculino e violência, ao longo da história humana os homens foram sempre encorajados para serem violentos e a abordagem cooperativa é capaz diminuir esse comportamento.

Palavras-chave:

Metas de realização, Educação Física escolar, Gênero, Violência, Abordagem cooperativa.

ABSTRACT

The research aims to highlight the differences in orientation the goals of boys and girls in physical education classes, seeking to understand why violence is so present in male behavior and how to create a scenario of reasonable absence of violence in physical education classes. The methodology of this study was an exploratory research, through a bibliographic review, several studies on gender, psychology, violence and cooperative approach in Physical Education are presented. It is concluded that boys have a greater orientation the goals of achievement for the ego and girls for the task in the context of school Physical Education, and in general both are oriented to the task, there is an intimate relationship between the male gender and violence, throughout human history men were always encouraged to be violent and the cooperative approach is able to decrease this behavior.

Key-code:

Achievement goals, School Physical Education, Gender, Violence, Cooperative Approach.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	8
3. JUSTIFICATIVA.....	9
4. REVISÃO DE LITERATURA.....	9
4.1 A masculinidade e feminilidade em um breve contexto histórico	9
4.2 A questão da mulher	13
4.3 Motivação e gênero nas aulas de Ed. Física.....	14
5. METODOLOGIA	17
6. DISCUSSÃO	17
6.1 A cultura de violência masculina.....	17
6.2 Solução: Uma competição sadia?	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

1. INTRODUÇÃO

Nas aulas de Educação Física é possível notar muito sobre o comportamento dos estudantes, tristeza, felicidade, euforia, agressividade, competição, apatia, empatia etc. Não é raro notar comportamentos violentos principalmente entre os meninos na escola, principalmente nas competições. Por existir uma carga cultural relacionando-os a força, violência e dominação, é comum haver conflitos. A violência sofrida e praticada pelos homens no geral é elevada, muito maior quando comparada com as mulheres. Ao longo da história os homens estiveram muito próximos de conflitos armados, motivados principalmente pelo próprio ideal de masculinidade, enquanto o ideal de feminilidade motivava as mulheres a serem submissas e belas, se voltando para as obrigações da casa. O padrão anatômico da época configurava a mulher como inferior aos homens e justificava sua virilidade e dominação. Quando se olha para as aulas de Educação Física, é notável como esses ideais de gênero são colocados em prática e são cobrados pelos próprios alunos a seus colegas. Buscando compreender como é a motivação dos estudantes nas aulas de Educação Física, a teoria motivacional sócio-cognitiva metas de realização, foi escolhida, visto que é considerada juntamente com a teoria de autodeterminação (DECI, 1985)¹ a mais relevante, no contexto de motivação aplicada ao esporte e à atividade física. Foi observado que meninos e meninas têm um perfil de motivação diferente, em que, grande maioria, os meninos competem entre todos e as meninas preferem focar em melhorar suas habilidades. Essa competição dos meninos aliada a um padrão de comportamento violento pode causar grandes transtornos nas aulas, uma saída para isso seria uma abordagem de cooperação antes de atividades competitivas para criar uma boa relação entre os alunos, estreitando laços de amizade e gentileza, além de uma educação voltada para aceitação das diferenças alheias.

2. OBJETIVOS

Objetivo geral:

Elaborar uma reflexão teórico ensaística acerca da violência masculina em aulas de EF a partir do conceito de motivação orientada para a meta.

Objetivos específicos:

Analisar o aspecto histórico e psicológico da formação da identidade masculina e feminina. Relacionar os processos históricos que influenciaram as relações entre homens e mulheres. Coletar dados sobre o perfil de envolvimento as metas dos

alunos em idade escola de ambos os sexos. Revisar os dados da segurança, saúde pública e artigos sobre a violência masculina e como através dos jogos cooperativos, criar um cenário de razoável ausência de violência na escola.

3. JUSTIFICATIVA

Entendendo que meninos e meninas têm orientações diferentes as metas (Machado; Teixeira; Da Cruz; Silva, 2016) e conhecendo a razão para a prática da violência do lado masculino, é possível compreendê-los e buscar maneiras para um melhor convívio em sociedade, através de propostas educativas como a abordagem cooperativa, se tem um bom investimento em práticas que resultarão em um sentimento de ser parte do todo, de fazer o bem para o todo, que culminará no seu próprio bem (SOLER, 2000).

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 A masculinidade e feminilidade em um breve contexto histórico

Antes de descrever sobre a masculinidade e sua construção na história, é importante diferenciar dois termos necessários para a abordagem deste conteúdo. O gênero e o sexo, duas palavras que se confundem no vocabulário popular, têm uma distinção significativa. O gênero é compreendido como tudo que relativo ao indivíduo, através das relações sociais, são fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (SOUSA, 1999). O sexo se refere as características sexuais e biológicas, que caracterizam seres vivos no geral como macho e fêmea e alguns indivíduos classificados como: diático, intersexo e altersexo (Dicionário UNESP, 2009; Princípios de fisiologia animal, 2010).

As relações entre homens e mulheres passaram por inúmeras mudanças e períodos característicos de cada fase da história, um marco muito importante e uma das bases de seu estudo é a passagem da teoria do monismo sexual de Freud, acrescentada em seus Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, para a teoria do dualismo sexual (Freud, 1905).

Para a psicanálise de Freud a primeira fase do desenvolvimento psicosssexual é a fase oral, onde há o prazer oral causado na amamentação pela mãe. A segunda fase é a anal, associado ao prazer de esvaziar o intestino. A terceira fase é a fálica, onde a criança volta sua atenção para si mesma e toma consciência do seu

órgão genital. Para ele as crianças somente reconheciam o pênis/falo, como órgão genital, sua ausência na menina desenvolve um sentimento de castração, supondo que um dia o falô esteve presente, em decorrência disto ocorre a chamada inveja do pênis e uma ferida profunda no seu ego, por causa disto as mulheres seriam e se sentiriam inferiores. Outra questão desenvolvida por Freud e que se relaciona diretamente com castração e inveja do pênis, é o chamado complexo de Édipo, neste complexo as crianças desejariam estar no lugar de seu progenitor do mesmo sexo e tomar o lugar do progenitor do sexo oposto. Para ele, conforme o menino cresce e percebe que não terá a mãe para si, por medo de ser castrado pelo pai, ele recalca (mecanismo psíquico de reprimir um desejo para o inconsciente) o complexo de Édipo e supera esse desejo, direcionando-o para outras pessoas. Ele entendia que a menina aceitava a castração do pai e por isso entrava no complexo de Édipo. Porém muitas lacunas na teoria pareciam não fazer sentido, em razão disso em relação às meninas ele afirma: "nosso material por alguma razão incompreensível torna-se muito mais incompreensível e cheio de lacunas" (FREUD,1924) Desde o útero até a fase fálica todos os seres humanos são bissexuais, no sentido de possuir ambas as características tanto do masculino quanto do feminino, Freud compreendia essas características no plano psíquico e anátomo-fisiológico, esse modelo de sexualidade tinha como foco o homem, acreditando haver uma simetria na mulher. A partir do complexo de Édipo as crianças vão se diferenciar e formar sua sexualidade e identidade de gênero.

Por muito tempo a teoria do monismo sexual dominou a mentalidade das sociedades, a mulher era vista como um homem invertido, desprovida de calor vital, possuiria fragilidade do corpo em relação ao homem, menor inteligência e seria o "sexo frágil". A posse do atributo fálico descrevia a distinção e a superioridade masculina, todas as características anátomo-fisiológicas dependiam da referência dele, o útero era o escroto, os ovários os testículos, a vulva, um prepúcio e a vagina era um pênis invertido (SILVA,2000).

Entre os séculos XVIII e XIX, o modelo monista se torna obsoleto, principalmente com a queda do conceito de perfeição do corpo masculino, e passa a valer o dualismo sexual. De homem invertido a mulher passa a ser o inverso do homem, seu complemento, ainda prevalecendo o ideal de inferioridade, e não mais unicamente o sexo anátomo-fisiológico do monismo sexual. No dualismo a concepção biológica dá lugar para a política, econômica e social, as diferenças são focadas nos comportamentos masculinos e femininos em sociedade, de acordo com a moral da sociedade burguesa da época. Mesmo com o advento do

modelo dualista nos sexos, ainda ocorreu uma superioridade masculina sob o feminino, referindo-se a mulher como inferior nas relações políticas, sociais e econômicas (COSTA, 1995).

Parker reconhece que:

“as atividades dos homens eram direcionadas para o mundo social mais amplo da economia, política e interações sociais, além do âmbito da família, enquanto os de sua mulher eram rigidamente restringidos, limitavam-se ao mundo doméstico da própria família”.

Silva (SILVA,2015) em “historicizando as masculinidades” aborda que os primeiros estudos sobre masculinidade ignoraram as relações de poder entre os sexos, e que os sexos masculino e feminino eram vistos como “sinônimos de diferenças inatas, essencializadas”. Assim como Parker ele reitera: “concepções forjadas em meados do século XIX associavam a mulher ao espaço doméstico/privado, mantenedora do lar, da educação dos filhos e submissa a figura masculina”. No livro “A construção social da masculinidade” (OLIVEIRA,2004) de Pedro Paulo de Oliveira, o ideal identitário masculino pressionava os homens para que devessem ser exímios em tudo o que fizessem, serem fortes, não demonstrar fraqueza e nem sentimentos, proteger a família e seus entes queridos. Características que sempre estiveram presentes desde a idade média e mais fortemente presentes a partir do sec. XIX no período Vitoriano. Na idade média os homens tinham comportamentos tipificadores de sua masculinidade, características como honra, coragem, sangue frio, eram importantes para todo homem da época, principalmente aqueles de linhagem real, aristocrática ou cavaleiros, envolvidos com lutas e guerras. A dignidade e a reputação eram o bem mais precioso para qualquer homem. Ser chamado de covarde era o pior insulto possível, além de por em cheque sua dignidade, punha também a de seus familiares ascendentes e seus descendentes, pois na época se acreditava que o sangue tido como a linhagem e “raça”, carregava as qualidades físicas e morais hereditárias, então se alguém fosse chamado de covarde significava necessariamente que seus antepassados e seus descendentes também seriam. Assim os homens defendiam sua moral e solucionavam outros conflitos que não estavam na lei através de duelos, o que normalmente era feito com uma espada e posteriormente com pistola. Algo que já está preso no imaginário das pessoas, através das histórias de combate de cavaleiros com espadas e a cavalo ou no combate de pistolas no estilo velho-oste. O autor aborda que com a burguesia apropriando-se dos duelos, a questão

da bravura e ousadia dá lugar ao autocontrole e contenção, tanto que se tornou frequente os apertos de mãos ao final dos duelos e passaram a ocorrer em locais fechados. A mudança na ritualística dos duelos mostra uma transformação cultural da moral aristocrática para a burguesa na identidade masculina. Com a passagem do sec. XIX para o sec. XX se tornou ultrapassado basear a honra na genética. Os duelos foram desaparecendo e este ímpeto se encontrou na propensão bélica dos Estados e a crescente onda nacionalista.

A formação dos Estados nacionais teve grande influência da masculinidade, segundo o autor, para garantir a soberania de uma nação era fundamental a criação de exércitos, onde os militares deveriam defender seu país com o sacrifício da própria vida além de amor a nação, ato que só seria possível se eles demonstrassem devoção ao país através da sua virilidade e coragem, ideais historicamente masculinos. Com o expansionismo Europeu da época houve uma intensa estimulação da formação militar e sua intersecção com os ideais masculinos típicos: coragem, sacrifício da vida pela nação, heroísmo, etc. “lidar com a dor e o perigo era, ao mesmo tempo, uma preparação para a guerra e também um exercício e treinamento da autentica masculinidade.” Neste trecho do livro o autor deixa ainda mais clara a estreita relação entre a masculinidade construída na história e o comportamento agressivo e viril. Os ideais medievais de masculinidade: bravura, honra, coragem, e sangue frio passam a formar então características dos militares, e em razão disso ocorre uma íntima relação entre masculinidade, militarização e nacionalismo. Segundo o autor o nazismo e o fascismo se apropriaram desses ideais e construíram a sua propaganda nacionalista e bélica, fomentando a guerra, muito motivado também por poetas que descreviam que por meio da guerra e do conflito o homem exerceria sua masculinidade. Nas palavras de Paulo de Oliveira em seu livro “A construção social da masculinidade”: “no período moderno observou-se, com frequência que, durante momentos de crise social, instigadora de movimentos messiânicos de caráter político ou religioso, ocorre também um recrudescimento e renovada supervalorização de ideais constitutivos de uma masculinidade mítica.” O processo civilizador foi transformando o ideal de masculinidade do guerreiro, heroico, aguerrido, para um homem moderado, contido e responsável. Tendo em vista que os Estados nacionais se formavam, uma valorização destes ideais burgueses mais modernos, se tornaram evidentes para a manutenção da ordem, paz e relações sociais dentro da nação.

4.2 A questão da mulher

Com a revolução industrial na Inglaterra e o crescimento do capitalismo, as mulheres começam a ocupar cada vez mais cargos na indústria (CHAGAS,2017) principalmente na indústria têxtil no Reino Unido e na França durante o século XIX sendo maioria por alguns períodos de anos (HOBSBAWN,2000; THOMPSON, 1987; PERROT, 2005). A participação volta a crescer após a primeira guerra mundial, no ano de 1920 sendo 50,96% mulheres e 41,21% homens (RAGO,1997). E novamente cai no período entre guerras, durante os anos de 1921 e 1931, deixaram seus postos na indústria têxtil e passaram a trabalhar nas casas de pessoas mais ricas como criadas (SOHN,1998).

Rago salienta que mesmo alcançando mais espaço:

“As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens – como naturalmente masculino. Esses obstáculos não se limitavam ao processo de produção; começavam pela própria hostilidade com que o trabalho feminino fora do lar era tratado no interior da família. Os pais desejavam que as filhas encontrassem um bom partido para casar e assegurar o futuro, e isso batia de frente com as aspirações de se trabalhar fora e obter êxito em suas profissões”

Durante a segunda guerra mundial com a maior parte dos homens se ocupando na frente de batalha, se fez necessário que ocupassem os cargos antes somente ocupados por homens (DUBY, PERROT, 2000). após a guerra elas continuaram ocupando muitos cargos, mas sendo vistas como uma força de trabalho secundária (LIMA,2009). Com o orçamento familiar dependendo cada vez mais delas, deixando de ter um papel de mera mantenedora do lar, abalando a figura simbólica e poderosa do homem, a autoridade masculina sobre a família, e em toda a sociedade, elas ascendem socialmente. Com a globalização, a mulher passa a ter papel fundamental nas empresas e grandes negócios, conquistando cada vez mais espaço profissional (ABRAMO, BETIOL, 1991). Manifestações, movimentos sociais, estudos científicos e o assunto “Gênero” entram cada vez mais na vida da população no geral, principalmente através da pauta político-social das universidades, o assunto entra em debate nas rodas de conversas das pessoas que antes não pensavam no tema, e no cenário político governamental, projetos e leis são criados para dar atenção e tentar criar um ambiente melhor para relação entre homens e mulheres, o princípio constitucional de igualdade pressupõe exatamente isso, pessoas em situações e contextos diferentes são tratadas de formas diferentes, nas palavras do jurista Nery Junior significa:

“Dar tratamento isonômico as partes significa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida exata de suas desigualdades”.

E assim as mulheres conquistaram e continuarão a conquistar seu espaço na sociedade, e os homens em contrapartida estão passando por uma crise de masculinidade, segundo Sergio Gomes da Silva (2006), Badinter (1993), Schowalter (1993) e Ceccarelli (1997). Nas palavras de Sergio Gomes da Silva:

“O homem estaria sendo colocado em “cheque” porque estaria perdendo a noção de sua própria identidade, passando a buscar uma melhor descrição de si. Este fato conjuraria certo mal-estar semelhante aquele provocado pelo estado de decadência masculina no final do século passado...”

A este “mal-estar” do século passado o autor refere-se ao mal-estar semelhante ao qual Freud compreendia: A essência incompatível entre o Eu e as determinações da civilização, um sentimento de desprazer intrínseco, um incômodo profundo, um sentimento de culpa por não se adequar as normas da sociedade, de um profundo questionamento sobre o seu Eu. O que é ser homem? E “mal-estar” do século passado em específico, se trata da mudança na percepção da mulher e do homem, inicialmente da teoria do monismo sexual, passando para o dualismo sexual, mulher e homem sendo diferentes, dois seres com anatomias distintas. Essa primeira mudança no pensamento coletivo da população causou o primeiro grande mal-estar do homem, caracterizado como a crise da masculinidade.

4.3 Motivação e gênero nas aulas de Ed. Física

O estudo da motivação na psicologia do esporte tem se mostrado eficaz, melhorando o rendimento físico e esportivo como um todo. Traçando metas, diminuindo ou eliminando padrões de ansiedade e insegurança o aluno ou paciente alcança o máximo de seu rendimento. Baseando-se na teoria socio-cognitiva Metas de realização, o tipo de motivação e as diferenças individuais e contextos socioambientais são estudados para compreender a intencionalidade do indivíduo. A teoria das metas de realização entende que o indivíduo conduz suas decisões de forma direcional e racional, através da realização (DOS SANTOS,2007). Segundo Duda (2005) há três conceitos dominantes na Teoria das Metas de Realização: orientação as metas; clima motivacional e o envolvimento com as metas. A orientação as metas diz respeito ao indivíduo escolher se orientar para a autossuperação, conhecida como orientação a

tarefa/tarefa-aproximação; comparação social, conhecida como orientação ao ego/ego-aproximação, ou evitar comparação social, conhecida como performance-evitação/ego-evitação. O clima motivacional diz respeito a percepção que o indivíduo tem do ambiente e as pessoas que o cercam, motivando-o a se envolver para alguma abordagem, podendo alterá-la conforme o clima motivacional. O envolvimento com as metas diz respeito a escolha do indivíduo se orientar as metas no contexto em que ele se encontra. A orientação ao ego está relacionada: a busca do desempenho, do resultado, da recompensa competitiva e a comparação social. Enquanto que a orientação a tarefa está relacionada: busca do aprendizado, aumento da habilidade, vontade de aprender novas habilidades e cooperação (MACHADO, 2016).

No trabalho de conclusão de curso de Lucas dos Santos Machado (2016), sobre o clima motivacional, feito em duas escolas públicas e uma privada, ambas do Distrito Federal, com 254 alunos, mostrou que a maior parte dos alunos do 6º e 7º anos se orientam para a tarefa, mas diferenciando-se os gêneros, os meninos tinham maior orientação ao ego, principalmente na escola privada, o autor acredita que o baixo incentivo para trabalhar foi a causa disto. Em outro trabalho de conclusão de curso, feito por Guilherme Abelin Teixeira (2016), também feito sobre o clima motivacional e nas mesmas escolas, mostrou que os alunos se orientam mais para a tarefa, porém ao diferenciar os gêneros, a orientação ao ego se torna evidente nos meninos, não houve diferença significativa nos resultados das escolas públicas e privadas. No trabalho de conclusão de curso de Lucas Gonçalves Taveira da Cruz (2016), feito sobre a percepção dos alunos sobre o clima motivacional dos professores de Educação Física, também nas mesmas escolas, mostrou que os professores da escola particular estimularam mais a orientação ao ego nos meninos, e os professores das escolas públicas estimularam mais ego evitação que o professor da escola particular, o autor descreve que o baixo incentivo para trabalhar foi o motivo. No trabalho de conclusão de curso feito por Jefferson Area Leão Silva (2016), sobre a motivação nas aulas de educação física no ensino básico e no ensino superior, feito em escolas públicas e privadas do Distrito Federal, com 595 alunos e na Universidade de Brasília com 102 estudantes universitários frequentadores das práticas Desportivas da Faculdade de Educação Física. Foi investigado o clima motivacional dos alunos e as diferenças de gênero, os resultados apresentaram maior orientação a tarefa por parte de ambos os alunos do ensino básico, comparando os gêneros os meninos se orientaram mais para o ego e as meninas

mais para o ego evitação. Interessante que os resultados obtidos na universidade mostram maior ego evitação nos rapazes e maior ego aproximação nas moças. Num estudo de Pilar Conesa Vílchez e Francisco Juan Ruiz, feito em três países de língua espanhola, Espanha, Costa Rica e México, com 2168 estudantes mostraram maior orientação a tarefa nos alunos no geral e diferenciando-se os gêneros, os meninos obtiveram maior orientação ao ego e as meninas maior orientação ao ego evitação (CENTIKALP,ZIX KAZAK, 2012). No estudo de Kazak Centikalp, realizado na Turquia, com 208 atletas turcos adolescentes, sobre as metas de realização e a auto percepção, mostrou que os alunos no geral tiveram maior orientação para a tarefa e diferenciando-se os gêneros, os meninos se orientaram mais para o ego aproximação e maior ego evitação nas meninas. No estudo de Canazart dos Santos sobre feminilidade e masculinidade na Educação Física, feito em São Paulo com 69 estudantes do 6ºano do ensino fundamental, foi constatado que na fala dos alunos e professores no geral, haviam ideais profundos de papéis de gênero, fato que normalizam práticas, valores, discursos e prioridades para cada gênero (DOS SANTOS, 2010). No estudo de Marlon Messias Santana Cruz e Fernanda Caroline Cerqueira Palmeira sobre a “Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar”, foram feitas avaliações do plano de curso, questionários para professores e alunos sobre e observação das aulas (CRUZ.2009). Constatando que não havia preocupação nas relações de gênero, concluindo que os professores se utilizavam de metodologias sexistas e tradicionais métodos de ensino dos esportes. Na pesquisa de Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo e Valéria Pall Oriani (2013), sobre as relações de gênero na educação infantil, observando 24 aulas de dois professores, foi possível notar que segundo os autores, as identidades de gênero e seus papéis sociais, são construções históricas e que podem ser modificadas, principalmente nas escolas (BRABO,2013). No estudo de Eduardo cervello, Fernando del Villar, Ruth Jiménez. Luis Ramos e Elorentino Blázquez, sobre o clima motivacional e gênero na Educação Física, feito com 100 estudantes espanhóis foi observado que, quando houve clima motivacional para a tarefa, houve um aumento na percepção de igualdade e quando havia clima motivacional orientado para o ego, essa percepção de igualdade diminuía e inversamente quando se diminuía o clima motivacional orientado ao ego a percepção de um tratamento igualitário aumentava (CERVELLÓ, 2003). Conclui-se que as aulas muito orientadas ao ego produziam discriminação intergênero e intragênero entre os estudantes e diminuía a participação e interação das meninas e dos meninos

menos habilidosos com o resto da turma. A maior parte dos estudos mostrou que a grande maioria dos alunos se orientam para a tarefa predominantemente e influenciados principalmente pelos professores, porém quando se compara os gêneros masculino e feminino nas aulas de Educação Física, fica evidente que os meninos se envolvem mais com o ego do que as meninas. Foi possível ainda notar que em algumas escolas ainda se tem um ensino tradicional com uma mentalidade sexista.

5. METODOLOGIA

A metodologia deste estudo é uma elaboração teórica ensaística acerca da violência masculina em aulas de Educação Física, a partir do conceito de motivação.

6. DISCUSSÃO

6.1 A cultura de violência masculina

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021, o Brasil registrou 12.895 suicídios em 2020. Segundo relatório da OMS homens representam 76% dos suicidas do Brasil. Segundo o IPEA (instituto de pesquisa econômica aplicada) entre 2008 e 2018, foram registrados 628 mil homicídios no Brasil, com os homens sendo incríveis 91,8% das vítimas e as mulheres 8% (0,2% dos registros foram ignorados). Observa-se comportamentos violentos na sociedade que tem grande impacto no comportamento dos estudantes nas aulas de Educação Física. Num estudo publicado na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, e realizado no Mato Grosso mostrou que 50% dos alunos já sofreram com alguma forma de violência verbal; 45% dos alunos relataram que algumas vezes ocorrem agressões nas aulas de Educação Física; 15% relataram já ter sido vítimas de agressão física; 44% relataram que são agredidos verbalmente algumas vezes, sempre e muitas vezes somaram 9% dos alunos, ou seja 53% dos alunos já sofreram alguma forma de agressão verbal³⁷. Goto (2006) esclarece que é mais frequente os meninos praticarem violência física e verbal do que as meninas, e elas costumam chamar menos atenção difamando, chantageando e excluindo. Dados da pesquisa do PeNSE (pesquisa nacional de saúde do escolar) realizada pelo IBGE, revela que o percentual de estudantes de 13 a 17 anos que relataram ser: “esculachado, zoadado, mangado, intimidado ou caçoado pelos colegas tanto

que ficaram magoados, incomodados, aborrecidos, ofendidos ou humilhados” duas ou mais vezes nos 30 dias antes da pesquisa foi de 23%. Na escola os docentes historicamente ensinam as crianças desde cedo a atuar conforme o papel de seu gênero, de maneira incontestável e contundente (BRABO, 2013). O perfil motivacional dos alunos tende a ser diferente. Na maior parte dos estudos foi possível notar que há diferenças na aproximação as metas de realização, os meninos se orientam para o ego, querendo competir com os colegas e demonstrar suas habilidades, as meninas costumam se orientar para o ego evitação, focando em não demonstrar suas habilidades, para não ter sua performance comparada com terceiros. Importante ressaltar que na maior parte dos estudos os alunos no geral têm tido resultados de orientação principalmente para a tarefa, que é relacionada com o foco no aprendizado, cooperação entre os alunos/atletas, processo da aprendizagem e evolução, domínio da tarefa, sendo uma meta autorreferenciada (DOS SANTOS,2007). Historicamente a Educação Física escolar sempre foi mecanicista, desenvolvimentista e esportivista, mas graças ao trabalho de grandes autores, professores escolares e universitários, esse modelo foi revisto e o currículo foi sendo modificado a partir dos anos 80 com a abertura política pós ditadura. Estudos e diversas abordagens como: psicomotora, críticas, saúde renovada, jogos cooperativos etc, são criadas e engrandeceram o currículo da área, o que explica que grande parte dos estudos apontaram uma maior aproximação dos alunos a tarefa em detrimento do ego (competição). O comportamento dos meninos tende a se orientar para o ego aproximação, mais fortemente que as meninas, a meu ver trata-se de uma cultura construída ao longo de séculos de uma educação e cultura focada na valorização do que seria uma masculinidade aceitável e verdadeira. O que fugisse a esse padrão de virilidade, frieza, corpo forte, padrão de movimentos corporais agressivos era, e até hoje é taxado de muito feminino para um homem, como homoafetivo, “bicha”, depreciando e relacionando a uma passividade inerente ao sexo feminino, etc. A feminilidade de homens era extremamente mal vista, assim como masculinidade de mulheres. Quanto mais para trás se volta na história, mais repúdio se tem quanto a isto. Muitos homens têm pavor de terem traços comportamentais e físicos femininos, desde o início da crise de masculinidade, por terem perdido a descrição inicial do que era ser homem, eles vêm buscando se afirmar e se diferenciar das mulheres, de forma tão notória que o medo de parecerem femininos, faz desenvolverem um comportamento misógino, depreciando a feminilidade em mulheres e homens. Acredito que o trauma de perderem a sólida

descrição de sua identidade e a soberania ameaçada nas relações de poder entre homens e mulheres, tanto socialmente, quanto no contexto privado, no sentido familiar, dentro de casa. Faz com que os homens, ao contrário do que diz a teoria psicanalítica Freudiana, da inveja do pênis, onde as mulheres se sentem “castradas” por não terem um pênis, por faltar um pedaço do corpo, desenvolverem segundo a psiquiatra neo-freudiana Karen Horney a inveja do útero: o homem nutre hostilidade a mulher por não ter o poder da criação, de gerar vida, e a íntima relação que a mãe tem com o bebê durante a gestação, e todo o processo de sua criação (*Horney, Karen (1942)*).

Através da inveja do útero e a inveja do exercício da feminilidade, os homens misóginos alimentados pela cultura masculinista, exercem sua profunda hostilidade a tudo que é feminino. Com isso buscam incessantemente reafirmar sua masculinidade e questionar a de homens próximos, como forma de constantemente avaliar o padrão de masculinidade de todos os homens presentes e indicar a referência do macho ideal. Para com seu próprio gênero, a relação é sempre violenta, não permitindo afeto, um homem com atributos femininos é extremamente repulsivo, não se aceita a homossexualidade alheia, a ideia de existir um homem que se relacione com outros homens é abominável, se tiver atributos femininos, a abominação é ainda maior e o comportamento agressivo é colocado em prática com agressões físicas, violência verbal, difamação etc. O historiador Leandro Karnal certa feita disse: "É importante lembrar que, do ponto de vista psicanalítico, todo ataque homofóbico é sempre o choque entre dois gays, o que vive a sua sexualidade e o que tem vergonha e medo da sua sexualidade, que é aquele que ataca". O homofóbico e misógino ataca a mulher e o homossexual por angústia de ver aquilo que ele não pode ser e aprendeu a odiar. O principal problema da masculinidade é a cultura de violência, principalmente no contexto masculino. Segundo Badinter (1993), desde muito novos os homens são separados do mundo feminino, através da separação do filho com a mãe, no mundo todo em diversas civilizações há variados rituais em que os meninos passam para se tornarem homens. O filósofo Sam Keen, descreve que: "Uma das maiores perdas das sociedades modernas foram os rituais de passagem masculinos." (Keen, 1992). Os antropólogos Pierre Clastres (1990), Maurice Godelier (1996), Victor Turner (1974), Françoise Héritier (1996) e Georges Balandier (1985) e vários outros tem descrito que esses rituais de iniciação usam a violência e a separação dos iniciados para compor uma identidade masculina grupal. Os ritos vão desde envenenamentos,

espancamentos, chicotadas, picadas de formigas, a levar um adolescente ao “puteiro” para se “tornar homem”. Daniel Welzerlang (2001) mostra muitos exemplos de como na França os meninos são iniciados no mundo masculino através da violência, e compara a sociedade ocidental com as tribais com o que ele chama de a “casa dos homens”, lugares frequentados somente por homens em que desde cedo eles aprendem o que é ser homem através de esportes tipicamente masculinos, e conversas com homens mais velhos, algo semelhante que já foi muito mais comum, foram os clubes e grupos secretos frequentados somente por homens. Grande parte dos conflitos e guerras que já ocorreram foram motivadas principalmente pela violência cultuada pelos homens, Joseph de Maistre, um escritor francês e conservador afirmou: “os mais nobres ideais da virtude viril são realizados na guerra”. Anatole France, escritor francês, citou: “A espada foi o primeiro instrumento da civilização, o único meio encontrado pelo homem para reconciliar seus instintos brutais e seus ideais de justiça”. Aqui se vê que a mentalidade da época direcionava os homens a agir conforme sua agressividade, seja pela dominância ou agressão física e imposição de suas vontades, esse comportamento era visto como natural e justo. O conflito é algo natural entre todos os seres humanos, onde houver ideias divergentes haverá conflitos. Carl Von Clausewitz, o maior teórico ocidental sobre guerras, afirmou: “A guerra é a continuação da política por outros meios...” (da guerra, 1832), Maior violência sofrida e praticada por homens está relacionada ao fato de existir uma cultura de violência intrínseca e uma maior orientação ao ego nos mesmos. Através da cultura da masculinidade ideal, os homens estão sempre reforçando um comportamento agressivo e competitivo entre si. Quando se tem em um ambiente, pessoas com maior orientação ao ego competindo entre si e somado a isto comportamentos agressivos, tem-se um resultado potencialmente desastroso, a competição jamais deve ser deixada de lado no contexto escolar e principalmente na Educação Física, ela faz parte da vida e dos esportes. Contudo, a cooperação que é algo coletivo e a autossuperação que é algo individual, também podem ser abordadas nas aulas, não somente a competição, como muito já foi feito na história da Educação Física. Quando a competição for abordada e a relação que os alunos têm entre si é violenta, o clima motivacional para o ego deve ser adiado, para primeiro haver uma sequência de intervenções que visem a interação e boa relação dos alunos, como os jogos cooperativos por exemplo que é algo coletivo e orientado a tarefa. É preciso criar uma cultura de paz entre os alunos, de não violência, ensinar que os conflitos são parte da vida e do

cotidiano, e que na maior parte deles a melhor maneira de resolvê-los pode não ser pela violência e sim ser por outros meios, como o diálogo, e a ceder quando uma situação não trará nada positivo.

6.2 Solução: Uma competição sadia?

Uma possível solução para a violência nas aulas, e como introdução para competições, é realizar um planejamento das aulas com jogos cooperativos. Segundo BARRETO (2003), os jogos coletivos se baseiam em 5 princípios: Inclusão, coletividade, igualdade de direitos e deveres, desenvolvimento humano e processualidade, esses princípios vão criar através da inclusão de todos, uma sensação espírito de equipe, senso de grupo e de pertencimento. Através das ações todos elas coletivas, os participantes terão metas e objetivos focados no grupo, o que vai reforçar o espírito de equipe e o pertencimento. Os jogos cooperativos tem funções de reforçar a convivência, modificar e aprimorar o relacionamento interpessoal. O funcionamento dos jogos cooperativos para SOLER, é baseada em três tópicos: Vivência: com o incentivo da inclusão e participação; Reflexão: fomentar a reflexão sobre o jogo, da participação de todos, das regras e o que se pode melhorar. Transformação: criar uma mudança em todos através do diálogo e do consenso nas decisões (SOLER,200). Nesses jogos os participantes jogam uns com os outros e, não contra os outros, buscando participação de todos, sem exclusão. Um bom exemplo seria uma atividade onde inúmeras pessoas estivessem sentadas em círculo de braços dados e de costas umas para as outras, e o desafio seria que todas se levantassem juntas ao mesmo tempo, assim todos focariam numa meta coletiva e teriam que cooperar para o bem de todos, que é o objetivo da atividade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou fazer um ensaio acadêmico acerca das diferenças de motivação entre meninos e meninas em idade escolar e as características negativas produzidas e relacionadas intrinsecamente a masculinidade e a feminilidade, frutos de uma rígida tipificação dos gêneros, criam um sentimento de aversão ao que foge o padrão. Esse sentimento de aversão faz com que as pessoas agridam, excluam e instiguem o ódio a todos que são diferentes. Inúmeros fatos sociais e históricos, contribuíram para um perfil de masculinidade que supervalorizou conflitos, guerras, mortes, assédios, comportamentos

dominantes e violência, e afora o fato de homens terem uma produção maior de testosterona o que por si só tem influência na agressividade, todos esses fatos acabam prejudicando tanto homens quanto mulheres em todas as esferas da sociedade, sendo preciso dar atenção a esta questão desde o início da vida das crianças, reparando no que elas estão absorvendo em casa, na escola, com amigos, familiares etc.

Na educação física pelo caráter prático e interativo das aulas, estas questões são notadas facilmente pelos comportamentos durante a aula. O professor deve perceber as atitudes de seus alunos e conduzir as aulas para o desenvolvimento de um relacionamento saudável e responsável entre meninos e meninas. Desencorajando e inibindo comportamentos agressivos e preconceituosos. Principalmente no que tange gênero, autoimagem e autoestima, deve-se ensinar que não existe somente uma forma de ser para praticamente tudo o que existe, há vários tipos de homem e mulher por exemplo. Todos devem aceitar as diferenças e acolher uns aos outros. Com isso se tem a criação de um cenário mais adequado para a prática da competição, permitindo que os alunos possam vivenciá-la de maneira benéfica, buscando dar seu melhor e superar uns aos outros e sem evitá-la por medo do fracasso ou brigas. Uma maneira de desenvolver uma relação gentil e amistosa entre os alunos é, antes de apresentar qualquer conteúdo, usar uma abordagem com um clima motivacional orientado para a tarefa e que foque na cooperação, como os jogos cooperativos e em seguida prosseguir com os conteúdos das aulas. Assim os estudantes irão desenvolver laços de amizade e respeito e competirão de maneira mais respeitosa e gentil. Este trabalho abordou os aspectos negativos relacionados ao gênero masculino por existir uma relação entre a masculinidade, violência e desigualdade de gênero, não objetivando tipificar que todos os homens são maus por natureza, que a masculinidade somente apresenta aspectos nocivos a sociedade ou qualquer generalização torpe.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OLIVEIRA, P. P. d; A construção social da masculinidade: subtítulo do livro. 20. ed. MG: **Editora UFMG**, 2004. p. 1-347.
- CHAGAS, Letícia; CHAGAS, Arnaldo Toni. A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil. *psicologia.pt: o portal dos psicólogos*, jul./2017.
- HOBBSAWM, E. J. Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo. Rio de Janeiro: **Forense Universitária**, 2000.
- THOMPSON E. P. A formação da Classe operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (vol. II)
- PERROT, M. As mulheres ou o silêncio da história. Bauru: **EDUSC**, 2005.
- RAGO, M. Trabalho Feminino e sexualidade. In: PRIORI, M. Del (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578 a 606.
- SOHN, A. M., Los roles sexuales en Francia y en Inglaterra: una transición suave. In:
- DUBY, G. e Perrot, M. (Org.). Historia de las mujeres. El siglo XX. Madrid: Taurus, 2000, pp. 127-157.
- LIMA, Alana da Fonseca. A mulher e a sua afirmação histórica: Do pós guerra ao novo código civil brasileiro. **ETIC**, SP, v. 5, n. 5, p. 2009.
- ABRAMO, Laís Wendel. Inserção da mulher no mercado de trabalho: Uma força de trabalho secundária?. **Teses USP**, SP, v. 5, n. 5, p. 1, 20 ago. 2007.
- DECI, E. L. & Ryan, R. M. (1985). Intrinsic motivation and self determination in human bahavior. **New York: Plenum Press**.
- BETIOL, Maria Irene Stocco Betiol; TONELLI, Maria José. A mulher executiva e suas relações de trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, SP, v. 31, n. 4, p. 1, 4 dez. 1991.
- PEREIRA, Rosangela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. A mulher no mercado de trabalho. **II jornada internacional de políticas Públicas**, São Luís – MA, 25 ago. 2005.
- BADINTER (1993) *XY: sobre a identidade masculina* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SHOWALTER, E. (1993) *Anarquia Sexual: sexo e cultura no fin de siccle* Rio de Janeiro: **Rocco**.
- CECCARELLI, P. R. (1997) A Construção da Masculinidade IN *Percurso: Revista de Psicanálise* Ano X, nº 19, 2º semestre de 1997, pp. 49-56.

DOS SANTOS, Claudia Maria Goulart. Motivação e esporte: Uma intervenção das metas de realização em jovens atletas. **Repositório UnB**, Brasília. 2007.

DUDA, J.L. (2005). Motivation in sport: The relevance of competence and achievement goals. In A.J. Elliot & C.S. Dweck (Eds.), **Handbook of competence and motivation** (p. 318-335). New York: Guildford Publications.

MACHADO, Lucas dos Santos. Clima motivacional e aulas de Educação Física: Relação e influência dos colegas. **Repositório UnB**, Brasília. 2016.

TEIXEIRA, Guilherme Abelin. Educação Física escolar: como o aluno percebe a sua motivação. **Repositório UnB**, Brasília. 2016.

DA CRUZ, Lucas Gonçalves Taveira. A percepção dos alunos sobre o clima motivacional dos professores de educação física. **Repositório UnB**, Brasília. 2016.

SOUSA, E. S. D; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar: subtítulo do artigo. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 48, ago./1999.

SILVA, Jefferson Area Leão. Motivação nas aulas de Educação Física: Diferenças de gênero no ensino básico e no ensino superior. **Repositório UnB**, Brasília. 2016.

VÍLCHEZ, Pilar Conesa Vílchez; RUIZ, Francisco Juan. Achievement goals in physical education and sport and physical activity in leisure on students from spain, costa rica and mexico. **Journal of Physical Education**, Espanha. 2016.

CETINKALP, zisan kazak. achievement goals and physical self-perceptions of adolescent athletes. social behavior -vnd personality, Turquia. 2012.

DOS SANTOS, Vilma Canazart. Índícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física. **Motriz**, São Paulo. 2010.

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA , Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**, Bahia. 2009.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; Oriani, Valéria Pall. Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil. **Educação Unisinos**, São Paulo, p. 1, 1 jan. 2013.

EDUARDO M. Cervelló, Fernando del Villar, Ruth Jiménez, Luis Ramos y Florentino Blázquez. Clima motivacional en el aula, criterios de éxito de los discentes y percepción de igualdad de trato en función del género en las clases de educación física. *Enseñanza*, 21, 2003, 379-395.

WEIMER, esp.Weyboll Rocha; Moreira, dr. Evando Carlos. violência e bullying::

manifestações e consequências nas aulas de educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, p. 1, 1 jan. 2014.

GOTO, C. Bullying: maldade sutil. *Jornal da Cidade*, Bauru, 12 fev. 2006. **Cadernos Ser**, p. 1- 3.

CLAUSEWITZ , Carl Von, da guerra, 1832.

BORBA, Francisco da Silva (2005). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. UNESP. p. 1281. ISBN 978-85-7139-576-3/ Christopher D. Moyes; Patricia M. Schulte (2009)

SOLER, R. *Jogos cooperativos para educação infantil* Jogos cooperativos para educação infantil. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

Princípios de Fisiologia Animal'. Artmed Editora. p. 669. ISBN 978-85-363-2324-4).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos. 1. ed. [S.l.]: **Companhia das letras**, 2016. p. 1-408.

FREUD, Sigmund; A dissolução do complexo de Édipo: **Volume XIX das Obras Completas** . 1. ed. [S.l.: s.n.], 1924. p. 1-376.

SILVA, S. G. D. Masculinidade na história: A construção social da diferença entre os sexos. **psicologia ciência e profissão**, v. 20, n. 3, p. 8-15, 2000.

PARKER, R. G. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no*

SILVA, N. D. F. Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior.. **psicologia ciência e profissão: histórias**, histórias, v. 1, n. 5, 2015.

Brasil contemporâneo São Paulo: Best-Seller/Abril Cultural.